

NOSSA ATUAÇÃO NO PT

No II Congresso, nosso Partido deu um grande avanço no que diz respeito à sua atuação no PT, em relação à política que vinha adotando até então. A decisão de que "os militantes do PRC atuam na esfera institucional no PT, exclusivamente" representou o rompimento com uma política sectária com relação a este partido e com uma política utilitarista com relação à legendas de que se servia para atuar na política parlamentar-institucional.

Este avanço e este rompimento com a política anterior foram, no entanto, insuficientes. A começar pelo ^{fato} ~~de~~ que se fundamentava basicamente em "ser o PT o único partido não integrado à transição burguesa e à política de 'conciliação nacional', mantendo até o momento uma posição oposicionista, com possibilidades de evoluir num sentido democrático-radical". Uma fundamentação essencialmente conjuntural, portanto. Que não rompia com a concepção que não via no PT mais que um partido institucional burguês, apenas um pouco mais à esquerda que os demais. Que nem ao menos se perguntava a razão por que foi o PT o único partido legal a não se integrar à transição burguesa, como se esta razão devesse ser casual ou sem importância.

Esta insuficiência foi uma das responsáveis pela manutenção de sérias debilidades em nossa atuação no PT e por alguns erros que nele cometemos.

O CC considera, por isto, ser necessário abrir em seu próprio interior e em todo o Partido uma ampla e profunda discussão sobre esta questão. Para abrir esta discussão e, ao mesmo tempo, orientar nossa atuação imediata é que o CC publica este documento.

O surgimento do PT foi fruto de um forte crescimento das lutas sindicais e de resistência à ditadura e de uma difusa mas forte aspiração por uma atuação política independente dos partidos burgueses e dos limites das alternativas burguesas. E se deu no quadro de uma for

te crise do movimento comunista no Brasil, com os partidos que se chamavam comunistas completamente mergulhados no reformismo e no reboquismo em relação à burguesia e onde não emergia nenhuma alternativa verdadeiramente comunista e revolucionária. Esta aspiração pela independência política das classes operária e populares não podia, assim, ultrapassar os limites da própria ideologia burguesa.

Para o PT (e para sua formação) acorreram ativistas de diversas classes sociais bem como diversas correntes e organizações, dando-lhe um caráter de frente, tanto sob o ponto de vista de composição de classe como sob o ponto de vista político-ideológico. Conformou-se, no entanto, como um partido institucional, embora rompendo, tanto organizativamente como na forma de atuação, com os limites dos partidos institucionais até então existentes.

O PT é assim uma frente conformada enquanto um partido e no qual as relações entre ele e seus militantes se dão ao mesmo tempo via a participação nas diversas correntes que o integram e diretamente entre os militantes e o coletivo, sendo esta última a formalmente reconhecida e estabelecida em sua estrutura.

Nesta frente que é o PT a hegemonia não está com a classe operária, em razão inclusive do pequeníssimo enraizamento e expressão das posições proletário-revolucionárias no Brasil. Esta hegemonia está nacionalmente nas mãos da corrente "Articulação-113". Não é, no entanto, uma hegemonia estável nem homogênea, havendo mesmo Estados onde as posições desta corrente são muito minoritárias. Além disto esta mesma corrente comporta posicionamentos diferenciados.

Politicamente, o PT tem uma posição anticapitalista e se pronuncia favoravelmente ao socialismo. É necessário que se diga que este posicionamento pró-socialista fica ainda num nível abstrato, o que, somado à hegemonia existente, impede que se diga ser o PT, hoje, um partido que lute consequentemente pelo socialismo, embora seu posicionamento anticapitalista e suas posições táticas indubitavelmente tragam uma contribuição nesta direção.

O papel que o PT desempenhará na luta pelo socialismo e na revolução depende do resultado da luta que se trava no seu interior. Luta complexa e na qual as diversas correntes não formam dois campos distintos e bem delimitados, mas interpenetram-se e diferenciam-se em função de cada aspecto particular.

Esta luta trava-se basicamente em torno de dois eixos: o político, que diz respeito ao posicionamento do PT frente a um aspecto tão amplo de questões como a postura frente à "Nova República", a questão do "pacotão" e até ao debate sobre o socialismo; e o que se poderia titular como "concepção de PT", que diz respeito basicamente à "partidarização" ou manutenção e até intensificação de seu caráter frentista.

No aspecto político, nossa atuação no PT visa aprofundar seu caráter anticapitalista, lutar para que em cada momento e em cada luta concreta seu posicionamento seja o mais correto e o mais consequente em defesa dos interesses do movimento operário e popular, lutar para que, apoiado nesta política, o PT se fortaleça e aprofunde seus laços com as classes trabalhadoras. Visa, em síntese, lutar para que o PT seja um pólo cada vez mais importante na construção da alternativa operária e popular.

Quanto à questão da "partidarização" do PT, nossa atuação parte das premissas que a revolução no Brasil ^é obra não de apenas uma classe, mas de três classes, sob a hegemonia do proletariado; que estas classes têm interesses contraditórios, que se manifestarão antes e inclusive depois da tomada do poder; que, por isto, é fundamental para a revolução a construção de uma frente, com expressão orgânica destas classes. E que, hoje, a luta pela construção dessa frente passa pelo PT (embora não só por ele).

Por outro lado, é nossa convicção que a luta pela construção do partido de vanguarda da classe operária não passa pelo PT, uma vez que a construção deste partido de vanguarda só pode partir de premissas teóricas, ideológicas, políticas e organizativas radicalmente di-

ferentes do PT.

Nesta ordem de idéias, a "partidarização do PT", ou seja, a não admissão da diversidade política e ideológica no seu interior, a não admissão da existência de correntes organizadas e a extensão da sua disciplina até ao ponto de não admitir a expressão, mesmo fora do PT, de posições diferentes das tomadas por suas instâncias decisórias, esta "partidarização" do PT é prejudicial aos interesses das classes operária e populares e à revolução.

E isto não somente porque tal "partidarização" representaria não contribuir o PT para a construção da frente revolucionária, mas porque isto significaria também, e inevitavelmente, a consolidação definitiva de uma hegemonia política e ideológica que levaria o PT para o progressivo afastamento do caminho da revolução e ao seu aprisionamento nos marcos da ideologia e das alternativas burguesas.

Se isto atribui à luta que se trava no interior do PT uma importância que ultrapassa largamente os limites da mera luta conjuntural, não diminui em nada sua importância imediata.

Não é à toa que a burguesia orchestra um coro que visa não somente a isolar o PT como um todo mas também a levar o PT a isolar no seu interior e até excluir a chamada esquerda organizada. Conseguir tal intento seria para a burguesia uma vitória de proporções decisivas para a estabilização de seu Estado e de sua dominação.

Estes são os fundamentos políticos que embasam os princípios de nossa atuação no PT.

Apesar de seu caráter frentista, o PT não é uma frente de organizações. Além disso, como representante dos interesses mais profundos da classe operária, o Partido Comunista não pode se diluir na frente, deve manter sua independência e construir sua própria base de massas, sob pena de impossibilitar ao proletariado assumir seu papel dirigente na Revolução. O PRC, que coloca como uma de suas principais tarefas contribuir para a construção do partido de vanguarda da classe operária, deve se ater a estes princípios.

Ambas estas razões fundamentam nossa política de não sermos uma tendência ou uma fração dentro do PT. Isto significa não somente que mantemos nossa independência frente a ele e mantemos um relacionamento direto com as massas, principalmente operárias, e construímos uma base de massas própria. Significa também que não atuamos dentro do PT enquanto PRC, mas sim que nossos militantes atuam no PT enquanto ativistas deste e respeitando suas instâncias organizativas e políticas.

O que não significa, evidentemente, que estes nossos militantes não tenham uma atuação organizada dentro do PT. Nunca porém como representantes do PRC, mas como defensores de políticas determinadas para o PT. E, mais do que isto, estas políticas não são a simples repetição imediata da política própria do PRC dentro do PT, mas a aplicação mediatizada desta política nas condições próprias do PT.

Para o PRC, o PT não é nem deve se tornar um mero instrumento de divulgação de sua política, mas muito mais do que isto, uma organização que expresse a unidade, dentro da diversidade, das diversas forças interessadas na revolução.

É por isto que é possível compatibilizar a disciplina própria do PT com o centralismo democrático a que estão submetidos os militantes do PRC, atuem ou não no PT.

É por isto que é possível ao PRC atuar mantendo sua independência e ao mesmo tempo contribuir decididamente para o crescimento do PT sem tentar "aparelhá-lo" nem ter uma concepção utilitarista de legenda.

É por isto que o PRC pode lutar e luta para que o PT desempenhe um papel revolucionário e de defesa firme dos interesses das classes trabalhadoras.



SOBRE A ALTIUDE DOS REVOLUCIONÁRIOS COMUNISTAS PERANTE O PT

Tendo em consideração a nota do DN do PT sobre o PRC e o seus efeitos no interior do PT, bem como a campanha contra as "correntes organizadas", que se desencadeou após a publicação da referida nota, campanha esta capitaneada por setores vinculados à Igreja e por setores que compõem a chamada articulação 113, o CC avalia a situação gerada e orienta o coletivo partidário através da seguinte resolução:

1. Em primeiro lugar, deve ficar absolutamente claro que a atual situação política interna do PT não deve afastar o PRC da sua disposição de construir o PT, disposição esta que, de nossa parte, não tem qualquer conotação utilitária ou taticista, mas compõe a nossa avaliação face à complexidade da revolução socialista e a necessidade de construir um movimento amplo, de massas, que tenha uma clara inflexão anticapitalista. Para cumprir esta tarefa, não pedimos licença a quem quer que seja, mas o tratamento que damos a questões como a presente deve pautar-se por uma postura avessa a qualquer tipo de sectarismo, não aceitando que ela seja tratada de forma irresponsável e despolitizada.

2. A nota contra o PRC compõe um quadro político interno, no qual uma das partes pretende configurar uma polaridade falsa, a saber, divide o PT entre as "correntes organizadas", de um lado e, de outro, a queles que querem verdadeiramente "construir o PT". Tal postura que não busca configurar, internamente, as posições pelas posições políticas, escamoteando as discussões sobre o essencial, pretende despertar o irracionalismo do militante médio, não permitindo a disputa de posições pela política, obstando a reflexão e o debate, pela formação de uma "corrente" que se opõe às demais "correntes", sectarizando, por esta via, as relações internas.

3. Tal posição não contribui para a elevação do debate e omite uma questão essencial: é que aqueles mais vigorosos em se postar contra as correntes pertencem a correntes há muito organizadas e se colocam, internamente ao PT, a partir de instâncias de fora do mesmo, nas quais discutem sua ação política, sua intervenção no movimento sindical, sua posição nas demais instâncias do movimento, e mesmo nas plenárias do PT. Ao tentar polarizar pela questão da organicidade e não pelas divergências políticas, estimulam o sectarismo e, ao mesmo tempo, abrigam-se farisaicamente numa "independência" que só existe para consumo externo.

4. Nós entendemos, dada a natureza do PT e a diversidade das posições que o acompanharam desde o seu nascimento que, é perfeitamente

natural e inevitável, a existência de tendências, no seu interior, originárias de posturas externas, com maior ou menor grau de organicidade. De parte do PRC, entendemos que não há nenhum antagonismo entre a nossa auto-construção como partido que quer se tornar uma vanguarda teórica e política do proletariado e que pretenda dar continuidade à luta ^{política} formação de uma vanguarda comunista clandestina, de uma parte, e, de outra, a luta pela construção de um partido de massas, legal, de clara inflexão anticapitalista e que, na nossa opinião, sua construção e seus rumos são fundamentais para a criação de uma alternativa revolucionária, operária e popular, no país.

5. A posição dos nossos militantes deve ser orientada para duas atitudes: em primeiro lugar, defender o direito de tendências e não deixar que a discussão cristalize-se sobre se o PT deve ou não conter "correntes"; para isso, demonstrar que tal confronto falseia divergências políticas, pois as correntes estão na origem do PT e o debate, colocado desta forma, levaria ao policialismo e ao sectarismo, inclusive com a identificação de correntes que não se assumem politicamente, como a ALN (não declinar o seu nome, por não ter a mesma atitude irresponsável que eles têm conosco), levando, igualmente, a que concretamente favoreçam aos órgãos de segurança, com a indicação de que tais ou quais ativistas pertencem a organizações clandestinas; em segundo lugar, chamar o debate sobre quais as posições políticas e programáticas que são fatores de unidade política no PT, que favorecem a sua construção e a sua formação, enquanto partido de massas, sustentando que, se alguém deve ser isolado do PT isto deve ocorrer pela derrota das suas posições, pela perda do seu esforço político perante as bases, pela sua capitulação perante a política e os interesses de classe da burguesia, e não por pertencer a uma organização clandestina ou a uma corrente organizada, ainda que de maneira informal.

6. É essencial que os militantes do PRC especialmente destacados para esse fim procurem os elementos mais avançados e independentes, para fornecer os nossos documentos, bem como procurar aqueles vinculados às demais tendências ditas como "não organizadas", em ambos os casos não só fornecendo nossos documentos e travando com eles discussões sobre a nossa política, de maneira sincera e aberta, mas fazendo-lhes ver que a nossa relação com o PT não é utilitária, que não pretendemos impor a ninguém nossas posições e nem queremos aparelhar o PT para que ele assuma o nosso programa, tornando-o uma frente legal do PRC; ao contrário, nossa visão é que o PT seja um importante elemento constituinte de uma alternativa revolucionária, operária e popular, cuja inserção na luta política não deve ser a expressão de uma corrente ou de um partido clandestino, mas das amplas massas

exploradas e optimizadas na luta contra a transição burguesa e a democracia dos monopólios. No debate deve ficar claro que a nossa inserção no PT constitui, para nós, um dever revolucionário, logo, nossa presença em suas instâncias, para nós, é um dever e um direito, não estando submetida à boa vontade dos seus órgãos dirigentes, já que a legitimidade de qualquer direção do PT deve se dar pela sua política e não pelo seu tempo de serviço. Deve dar-se pela sua capacidade de unificar o Partido dos Trabalhadores, em cima de posições políticas avançadas, e não pela mera autoridade administrativa.

7. Não só não devemos abdicar, mas devemos ser ofensivos na discussão interna que se trava no PT, sobre a questão da necessidade, ou não, de um partido clandestino de vanguarda e sobre a questão do socialismo. Tal discussão não pode nem deve ser provocada artificialmente por nós e, particularmente, a discussão sobre questões organizativas, não deve se dar publicamente e nem de forma a que se leve a pensar que a organização da vanguarda comunista substitui ou menospreza a construção do PT. Já na questão do socialismo, que está colocada nas próprias instâncias do PT, nossa primeira postura deve ser a de demarcação com o socialismo de opereta da social-democracia, partindo, então, daí para maiores precisões teóricas e políticas e para a defesa do socialismo revolucionário.

8. O CC chama a atenção para um importante debate que deve ser travado em torno do artigo de Wladimir Pomar, que se esforça para dar um corpo teórico a uma posição que tende a ser hegemônica no PT. A disputa com as posições defendidas naquele artigo, que tenta passar como novidade a velha postura antileninista de defesa da espontaneidade e da desnecessidade da vanguarda comunista, será uma disputa de fundo, a saber, se a vanguarda comunista é ou não uma necessidade para a revolução brasileira. O CC recomenda a leitura e o debate do artigo já citado.

9. Finalmente, o CC alerta para que o coletivo partidário continue empenhando-se em construir o PT, prossiga lealmente na disputa de posições, a partir de posições políticas claras e que busque, sempre, distinguir, no confronto de idéias, os indivíduos ou mesmo grupos que estão empenhados em realizar uma campanha anticomunista, abrigada na luta contra as correntes organizadas, e aqueles que estão sinceramente empenhados em buscar rumos, políticos e orgânicos, que contribuam para a criação de uma alternativa revolucionária para o nosso país. Se não devemos hesitar em denunciar o anticomunismo, não podemos deixar de ter claro que existe uma tradição negativa dos comunistas, perante os elementos avançados de massas, a qual lutamos por reverter, de manipulação, de utilitarismo e de sectarismo, que exige, da nossa parte

ao mesmo tempo que uma firmeza de posições, um reconhecimento autocrítico.

SOBRE A RELAÇÃO DO PRC COM O PT E A

ATITUDE DOS REVOLUCIONÁRIOS COMUNISTAS QUE ATUAM NESTE PARTIDO

1. O Encontro Nacional do PT se realiza num clima de radicalização político-ideológica. Os setores hegemônicos, participantes da Articulação dos 113, promovem, embora com intensidade e postura diferenciadas, uma campanha contra os chamados "grupos de esquerda" desenvolvendo preconceitos e visando estabelecer um abismo entre os revolucionários organizados que participam no PT, em particular militantes do PRC, isolá-los político-ideologicamente, enfraquecer sua base político-eleitoral de massas, enquadrá-los numa espécie de centralismo administrativo, obrigá-los a se dissolverem e, no limite, afastá-los do PT. Sua tática consiste em apresentar os revolucionários organizados como elementos estranhos ao PT - descomprometidos com o seu destino e construção e empenhados em sugá-lo e destruí-lo -, despolitizar a discussão interna e abordar os problemas deste partido institucional sob um ângulo administrativo.

2. Tal atitude coincide com a ofensiva política da burguesia a partir do "Plano de estabilização econômica" e com o surgimento de uma nova conjuntura política no país. Não podemos deixar de constatar que, frente ao risco de isolamento que rondou o PT, uma parte das personalidades e grupos componentes da articulação dos 113, ao invés de adotarem uma postura digna, combativa e politicamente avançada com relação ao Pacote econômico e ao governo Sarney, têm preferido trilhar o caminho de domesticar o PT, torná-lo mais aceitável às camadas superiores da pequena burguesia e aos setores mais atrasados de massa e vacilar no combate à transição burguesa conservadora. Para tanto, centram seu ataque na esquerda organizada, principal obstáculo à sua política reformista, e tentam impedir o fortalecimento do PRC. O assalto de Salvador, ato isolado e aventureiro, exacerbou a paranóia anticomunista e lhes deu novos pretextos e argumentos.

3. Sem dúvida, estes acontecimentos estão ligados a uma grande disputa sobre os rumos do PT. Trata-se de saber se este partido institucional, no processo constituinte, levará ou não às últimas consequências a luta pela liberdade política, adotará ou não a luta pelo não pagamento da dívida externa, combaterá globalmente ou não o paco-

te econômico, combaterá ou não a falsa reforma agrária da Nova República, trabalhará ou não pela fusão da luta econômica das massas assalariadas com a luta política, proporá ou não reformas democrático-radicalis no processo constituinte, será ou não um espaço importante para a construção das alternativas operária e popular, cristalizará ou não, teoricamente, num corpo doutrinário formalizado e oficial, a concepção dominante de implantar o socialismo passo a passo, por dentro das instituições e pela via da organização da "sociedade civil", legalmente, será ou não um partido administrativamente centralizado e nivelado à luz do pensamento dos 113, particularmente, se o PT será ou não uma instituição civil respeitável e civilizada, parte da democracia burguesa e, portanto, integrado à transição como seu elemento crítico, sua ala esquerda, o bastião da participação da "classe trabalhadora" na ordem "democrática". E, finalmente, se a ofensiva da burguesia terá guarida e se reproduzirá no interior do PT. O PRC não é indiferente ao desfecho desta disputa. Ao contrário. Julga-o de importância decisiva para os rumos políticos do país.

4. O PT é um partido politicamente não integrado à transição burguesa-conservadora, que reúne os ativistas mais combativos e esquerdizados do movimento operário e popular e vem jogando um papel político destacado e insubstituível na oposição à Nova República e ao governo Sarney. É ainda um espaço onde se vêm fermentando e sendo discutidas idéias de socialismo e revolução social. É também um partido no qual militam e se referenciam importantes parcelas da massa avançada participante da CUT. Precisamente por compreender esta questão é que o CC vê autocriticamente alguns erros cometidos: pouco comprometimento no passado com o destino do PT, descaso pela disputa do seu rumo político, a fragilidade da intervenção e esforço insuficiente na sua construção. Fundamentando estes erros, havia questões de fundo: a idéia de que a construção do PRC fosse antagônica à construção de um PT amplo e popular, uma relação doutrinária com este partido institucional, uma visão imediatista e a não compreensão de que este partido envolve a participação de elementos avançados de massa. Tais questões de fundo estiveram presentes na orientação da XI Conferência e se constituíram no principal entrave a uma abordagem correta da participação no PT, enquanto a resolução passada do CC acabou contribuindo para o sectarismo nas relações internas no PT. Mas também é preciso registrar que, na autocrítica destes erros, não podemos de maneira alguma inflexionar para a diluição no PT e muito menos para transformar este partido institucional numa espécie de biondo intermediador, que necessariamente substitua ou iniba a relação direta do PRC com as massas, em particular com o proletariado.

5. O PT é um partido e não uma frente. Isto porque existe uma relação partidária entre os filiados e militantes e suas instâncias, fundamentada numa clara consciência hegemônica, que inclusive captura várias organizações de esquerda, as quais não só proclamam ser o PT um partido, mas também lutar para acentuar seu caráter partidário, sendo este um elemento da crítica destas organizações aos 113, vistos como responsáveis pela frouxidão dos laços e disciplina internos. Mas é um partido que envolve massas. O que, se de um lado, cria uma diversidade frentista, com contradições ideológicas agudas, reforçada pela presença de organizações de esquerda, de outro oferece a base objetiva para o desenvolvimento da concepção social-democrata acerca do partido de massas, cujo socialismo genérico é necessariamente um socialismo institucional e subsumido na ideologia dominante, ainda que, no caso do PT, na forma de uma variante pequeno-burguesa, mesmo sem um corpo doutrinário e alvo de uma disputa. Os militantes do PRC que participam no PT devem defender, coerentemente com esta análise, que este é um partido e não uma frente. Diga-se de passagem, e exatamente por corresponder à consciência dominante entre os ativistas do PT, e portanto à realidade onde atuamos, tal posição é a única que, no momento, nos permite disputar politicamente com coerência revolucionária e eficácia. Além disso, devem afirmar que o PT é um partido que envolve massas e não só um partido de militantes. É um partido de caráter popular amplo, de sentido anticapitalista, com a participação de operários, camponeses e pequeno-burgueses urbanos, e não de uma só classe ou o partido da chamada genérica e diluídamente "classe trabalhadora".

6. Com base nesta posição, o PRC julga importante que o PT se pronuncie pelo socialismo. Mas ao contrário de ter uma posição doutrinária, colocando em primeiro plano o combate ao socialismo pequeno-burguês, os militantes do PRC que atuam no PT devem, isto sim, apresentar-se como revolucionários e socialistas e defender, sempre que a disputa correta o colocar, a totalidade e cada um dos elementos de sua concepção socialista proletária. Diferentemente de certas organizações, os revolucionários comunistas não o fazem com a finalidade de transformar o PT num partido "marxista revolucionário", que para nós só pode ser, nas condições atuais do capitalismo e do país, um partido marxista-leninista, mas para travar a luta político-ideológica em todos os terrenos em que se colocar. Neste sentido, não se furtarão a defender a necessidade da revolução social, da ditadura do proletariado, da aliança operário-camponesa, do partido de vanguarda do proletariado, do comunismo etc, enquanto elementos definidores do perfil político-ideológico de cada um de nossos militantes. Neste debate, os revolucionários comunistas que atuam no PT se colocarão como

indivíduos e no máximo participantes de correntes e articulações, jamais como militantes do PRC, partido que não aparecerá enquanto tal, com panfletagens, faixas etc em foruns do PT.

7. O PRC tem muitos de seus militantes filiados e participantes do PT. Mas não é uma tendência ou corrente do PT, sendo que sua vida tem determinações completamente distintas e fundamentadas na ideologia comunista e na concepção leninista de partido. Neste sentido, todos os militantes do PRC estão obviamente sujeitos ao centralismo democrático, o que implica em aplicar as políticas e decisões do Partido. Contudo, os revolucionários comunistas que atuam no PT devem fazer as mediações necessárias e determinadas por seus organismos e os comitês dirigentes, o que as torna também uma "praxis" centralizada. A postura no PT que favorece esta posição é defender a unidade em torno de posições avançadas e que fortaleçam politicamente o próprio PT, a disciplina como algo submetida à determinação da política e que se forma no debate vivo e amplo, o compromisso de reconhecer as decisões dos foruns do PT como as posições oficiais do PT, a decisão de defendê-las sempre que um militante fale publicamente em nome do PT, resguardando o direito de tendência, articulações, defesa de opiniões individuais e em nome próprio sempre que não fale, formalmente, em nome do PT e não seja candidato majoritário, prática perfeitamente sintonizada com a realidade de uma organização de caráter popular e que envolve amplas massas, mesmo um partido institucional. O caminho inverso seria o da disciplina administrativa, necessariamente burocrática e inaceitável, ainda mais na ausência de uma unidade básica de caráter teórico-ideológico. E exigir este tipo de unidade e disciplina é dividir e destruir o PT enquanto tal. Assim, não só politicamente, mas também pela sua concepção e prática da disciplina, os revolucionários comunistas entendem que o perigo de divisão no PT tem partido principalmente da ação dos anticomunistas e "purificadores". Ao contrário, os militantes do PRC defendem a sua justa concepção de unidade, a única capaz de se viabilizar. Recusam-se a nutrir ilusões na possibilidade de unidade abstrata "a priori".

8. Além de nossos objetivos políticos, definidos na tática, os revolucionários comunistas colocam-se frontalmente contra a "purificação" e centralização administrativa do PT, perseguindo a meta e trabalhando cotidianamente para manter e ampliar seus elementos frentistas. Este objetivo está ligado à disputa política e à própria luta pela construção e fortalecimento do PT, que os revolucionários comunistas nele atuantes assumem sem reservas e como tarefa do II Congresso e do CC. Ao mesmo tempo, compreendem que esta construção também se vincula indissoluvelmente ao fortalecimento das posições políticas avançadas

e à luta pelo predomínio destas posições dentro do PT. Finalizando, o CC reafirma que os revolucionários comunistas, na frente institucional partidária, atuam exclusivamente no PI e determina que todos os organismos partidários apoiem decididamente o esforço eleitoral do PT e os candidatos do PRC e aliados, como tarefa prioritária deste ano, decisiva para a implementação de nosso objetivo tático de desestabilizar a transição burguesa-conservadora.

